

A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LE NO CICLO 2 A PARTIR DE UMA ABORDAGEM INTERCULTURAL

Carla Janaina Figueredo – UFG

Introdução

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa realizada com o intuito de produzir materiais didáticos em língua inglesa para o Ciclo 2 de uma escola da rede pública municipal em Goiânia. Na escola em que a pesquisa foi desenvolvida, não é adotado um material didático específico para o ensino de inglês e, por essa razão, a professora necessita fazer uma seleção de materiais de acordo com as propostas, critérios de ensino e a necessidade de seus alunos. Em parceria com dois bolsistas de iniciação científica e com a professora da turma investigada, os materiais produzidos e as atividades desenvolvidas ao longo de nossa investigação apresentaram um resultado final coerente com o que estava sendo exposto dentro do ambiente da sala de aula, ou melhor, todo material didático foi desenvolvido em torno de cinco temas básicos: esporte, comida, transporte, animais e relacionamentos, pelos quais os alunos eram estimulados a participarem de discussões em torno desses assuntos.

Antes de ser desenvolvido, o material passou por estudos que foram amparados por uma fundamentação teórica relacionada à produção de materiais didáticos em língua estrangeira. Durante esse tempo, foi discutido como poderíamos desenvolver um material didático que promovesse a interculturalidade. O objetivo central de se produzir materiais didáticos centrados em uma abordagem intercultural é o de aproximar a cultura brasileira dos aprendizes com as culturas dos países de língua inglesa, além de atender a necessidade dos alunos em seu processo de aprendizagem da LE e, conseqüentemente, utilizar tais propostas em outras turmas subseqüentes a essa que foi o contexto de nosso estudo.

Nossa proposta procurou construir um material em que as culturas dos aprendizes fossem valorizadas em face das culturas da língua inglesa apresentadas a eles. No desenvolvimento das propostas, foi possível perceber, inicialmente, uma certa dificuldade por parte dos alunos no que diz respeito a dialogar com as culturas do Outro, como, por exemplo, o fato de respeitar estilos de vida diferentes dos seus. No entanto, o material desenvolvido conseguiu atingir resultados satisfatórios com relação ao que havia sido planejado, ampliando, assim, o conhecimento lingüístico e cultural dos alunos acerca da língua inglesa como LE.

A seleção desses materiais se deu pela escolha de materiais práticos, tais como atividades avulsas com foco no estudo de vocabulário contextualizado historicamente e culturalmente; uso de figuras e objetos representativos das culturas envolvidas, os quais buscavam, sobretudo, incentivar os alunos a pensarem sobre os valores e comportamentos do Outro da LE, ao mesmo tempo em que pensavam sobre suas próprias visões de mundo.

1. Referencial teórico

Para a elaboração dos materiais didáticos utilizados na pesquisa, levamos em consideração a relação indissociável entre língua e cultura (KRAMSCH, 2001) e como produzir os materiais para o ensino de línguas estrangeiras (LEFFA, 2003).

Sobre a relação língua e cultura, é primordial compreendermos a importância da língua em nossa construção social e cultural. A língua pode expressar, encorpar e simbolizar a nossa realidade cultural. Quando a língua e a cultura são colocadas juntas, elas revelam ao mesmo tempo os valores e crenças dos sujeitos situados

socialmente e historicamente em uma comunidade de fala. Podemos afirmar que língua é como uma entidade sócio-interativa que abrange a representação do patrimônio social e, da mesma forma, também reflete as relações de poder e dominação entre os membros de uma sociedade. Em outras palavras, a transmissão e a compreensão de uma cultura são promovidas, sobretudo, pela língua, que, de acordo com Sapir (1974), representa essencialmente um meio perfeito de expressão e comunicação entre as pessoas. Para esse antropólogo, o fato de a língua ser um sistema altamente desenvolvido garante-lhe um pré-requisito para o desenvolvimento da cultura como um todo. Na concepção de Lévi-Strauss (1974, p.133), “a língua é um fenômeno social [...], ela vive e se desenvolve somente como uma construção coletiva”.

Sendo, portanto, elementos indissociáveis, língua e cultura correspondem, juntas, a traços que definem os indivíduos e os grupos a que pertencem, caracterizando-os pelos interesses comuns que os unem (SAPIR, 1974; LÉVI-STRAUSS, 1974; SHAUL e FURBEE, 1998). Na visão de Geertz (1989), toda sociedade humana possui sua própria forma, seus próprios objetivos e significados. Nesse sentido, é evidente a associação de determinadas línguas e culturas com certas nacionalidades (países), ou mesmo com grupos locais menores, tais como a família. Em cada um desses contextos, língua e cultura são desenvolvidas de modo singular, o que lhes atribui uma função simbólica de distinguir um grupo de outro, seja ele maior ou menor (SANTOS, 2003; LARAIA, 2004).

Com base nessas definições, podemos, pois, concluir que cultura refere-se a um conjunto de comportamentos, valores, crenças e concepções de mundo adquiridos pelo indivíduo por meio de suas interações sociais. Sua forma de compreender e interpretar a realidade que o cerca o torna único e, ao mesmo tempo, parte integrante de um coletivo que pode compartilhar com ele alguns desses valores e conhecimentos e construir, continuamente, novas perspectivas de pensamento (FIGUEREDO, 2007).

1.1 Interação e diálogo

Inúmeras são as pesquisas que não somente têm adotado alguns dos conceitos de Vygotsky e de Bakhtin para melhor compreender o universo da sala de aula de L2/LE (em áreas como a interculturalidade, a produção oral, o processo da escrita, da leitura, a revisão colaborativa etc.), como, também, têm promovido novas concepções acerca da importância do dialogismo, da mediação da linguagem e de suas relações com a aprendizagem da língua-alvo na Zona de Desenvolvimento Proximal (FIGUEREDO, 2001; FIGUEIREDO, 2006). Em outras palavras, as perspectivas de Vygotsky e de Bakhtin, mesmo que orientadas originalmente para responder às questões científicas mais intrigantes de sua época, têm sido associadas com os diferentes eventos sociais e culturais ocorridos no contexto da sala de aula, em razão da aplicabilidade significativa de seus conceitos. Freitas enfatiza a relevância desse caráter interdisciplinar dizendo que,

[c]om base nas idéias de Vigotski e Bakhtin, pode-se pensar numa nova dimensão do espaço escolar que possibilite a manifestação da diferença dos modos e esquemas de construção do conhecimento, acompanhada de um trabalho pedagógico que se transforma numa ação compartilhada, num espaço de elaboração conjunta. Ao se valorizar essa interação dialógica, o aluno não é mais um agente passivo e receptivo, mas um sujeito que age e, pelo seu discurso, se faz ouvir, recriando-se no seio de outras vozes. A ação compartilhada, permeando o espaço pedagógico, humaniza o processo educacional (FREITAS, 2005, p. 307).

No que se refere ao princípio dialógico de Bakhtin, mais especificamente, ele está presente nas interações verbais e revela-se por meio da produção e da compreensão dos significados, os quais estão impregnados de singularidades, sempre afetadas e alteradas pelas relações construídas entre o “eu” (locutor ou falante) e o “outro” (receptor ou destinatário) que constantemente se “interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem” (BRAIT, 2005, p. 80). Para Bakhtin, o diálogo está longe de ser apenas um conjunto de perguntas e respostas, pois sua complexidade nos mostra o universo da cultura movendo-se como se fosse

uma grande rede de interpretações, e esse diálogo tem três dimensões: todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”, todo dizer é orientado para a resposta e todo dizer é internamente dialogizado (Bakhtin, 1997).

1.2 A produção de materiais didáticos

No que concerne à produção de materiais didáticos, segundo Leffa (2003), são necessários quatro momentos:

- **Análise:** o material deve estar no nível adequado de conhecimento do aluno, além de adicionar o conhecimento prévio do mesmo.
- **Desenvolvimento:** deve ter uma definição clara dos objetivos das atividades que são/serão desenvolvidas com o material e, para que isso ocorra, esse objetivo deve levar à três componentes essenciais: condição do desempenho, comportamento do aluno e o critério de execução de tarefas.
- **Implementação:** como e por quem o material será usado, se este será utilizado pelo próprio professor, por outro professor ou diretamente pelo aluno.
- **Avaliação:** são exercícios pelos quais o professor avalia o conhecimento do aluno de uma maneira ora formal ora informal.

Para a nossa investigação, em primeiro lugar analisamos o material didático que já era utilizado pela professora e, em seguida, foram desenvolvidos diferentes tipos de atividades em torno de cinco temas: esporte, animais, comida, transporte e relacionamentos, todos com ênfase no desenvolvimento de diálogos interculturais. Os materiais didáticos sobre estes temas foram divididos entre aqueles que seriam aplicados em sala de aula e aqueles que seriam trabalhados no laboratório de informática. Todas as atividades produzidas foram, então, aplicadas pela professora da turma ao longo do semestre e, por fim, uma avaliação dos resultados dessa aplicação foi realizada.

2. Metodologia e contexto da pesquisa

A abordagem metodológica utilizada no decorrer de nosso estudo é a pesquisa-ação (Moreira e Caleffe, 2006).

O ciclo da pesquisa-ação se dá inicialmente pela análise preliminar do contexto a ser investigado, pela coleta de dados e pela conceituação dos problemas existentes. Há, então, o planejamento de ações a serem executadas posteriormente e novas observações e coleta de dados são realizadas a fim de avaliar o processo que foi desenvolvido.

A pesquisa-ação tem por objetivos centrais implementar ações que resultem em melhorias para o grupo de participantes. Há uma preocupação em proporcionar a esse grupo oportunidades relevantes sobre a realização de pesquisa em torno de sua própria realidade, de forma que possam conhecê-la melhor e, assim, atuar mais eficazmente sobre ela, transformando-a.

Quanto ao contexto da pesquisa aqui apresentada, escolhemos a Escola Municipal Ari Ribeiro Valadão Filho, situada no Conjunto Aruanã III, em Goiânia. Em 1981, a escola começou a ser idealizada com duas salas de aula instaladas no Centro Comunitário do Jardim Califórnia, bairro próximo ao Conjunto Aruanã, que pertencia à Paróquia do Divino Espírito Santo, localizada no Jardim Novo Mundo. Nosso trabalho ao longo de 12 meses foi dividido da seguinte forma:

- Em 2007/2, ministrei o curso de *Linguística Aplicada – ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras* para alguns professores de inglês da rede pública municipal, dentre eles a professora participante da pesquisa, e, também, como forma de apoio teórico aos alunos de iniciação científica que colaboraram com esta investigação. Ao mesmo tempo, nos inserimos na escola-campo mediante autorização da instituição para, em conjunto com a professora de inglês do Ciclo 2, recolhermos os materiais didáticos utilizados por ela e, assim, avaliarmos as atividades à luz da literatura teórica estudada. Em seguida, iniciamos a elaboração de materiais que poderiam promover a interculturalidade.

- Em 2008/1, passamos a freqüentar assiduamente as aulas da turma F do Ciclo 2 e ao longo de todo o semestre, de fevereiro a junho, auxiliamos a professora Wanessa (nome fictício) na aplicação dos materiais propostos, levando-se em conta a sua avaliação sobre a relevância de tais materiais para o contexto escolar onde a pesquisa estava sendo realizada. A professora foi, nesse sentido, não somente a profissional que aplicou as atividades propostas, mas, acima de tudo, ela representou o olhar crítico sobre a realidade da escola, do sistema de Ciclos e de muitos fatores relacionados à aprendizagem de inglês pelos alunos da turma F, cuja faixa etária era de 10 a 12 anos.

No início de nossa pesquisa, ocorreram análises do material já utilizado pela professora do Ciclo 2 para dar direção às atividades que seriam elaboradas posteriormente. Em seguida, iniciou-se a seleção dos materiais que seriam apropriados para o contexto da sala de aula investigada, cujo foco central era a busca pelo diálogo entre as culturas dos aprendizes e as culturas da língua inglesa.

Com a elaboração e a seleção das atividades fundamentadas por uma abordagem intercultural, nosso objetivo maior foi o de ampliar os recursos didáticos da professora do Ciclo 2, além de propiciar o senso crítico do aluno em relação à sua língua materna e à língua-alvo.

Na maioria das aulas, a professora incentivava os alunos a expressarem suas idéias sobre o assunto que estava sendo tratado na aula. Em seguida, ela apresentava ou distribuía diferentes materiais que abordavam o encontro entre as diversas culturas. Dependendo do assunto, havia momentos de estranhamento por parte dos alunos diante do comportamento cultural do Outro da LE. Mas também havia momentos em que esse estranhamento não ocorria.

3. Resultados

De acordo com o que foi estudado na teoria, muitas atividades impressas que foram desenvolvidas tiveram um resultado positivo com a proposta da pesquisa e o conteúdo na sala de aula. Dentro das propostas das atividades, eram incluídos: *flashcards*, jogos, músicas, *slides* e programas de televisão, além de atividades avulsas (*handouts*). Dito de outra forma, grande parte dos alunos achou que as aulas envolvendo esses materiais didáticos eram interessantes e, nesse sentido, eles conseguiram perceber a interculturalidade, isto é, o diálogo entre as culturas, por meios das atividades que foram propostas no decorrer da pesquisa. Para eles, foi possível perceber, também, as diferenças e as semelhanças entre as culturas ao longo das discussões envolvendo os temas abordados.

Com os resultados dos dois questionários respondidos pelos alunos (um no início e outro no fim do semestre), a questão da interculturalidade foi compreendida como sendo de extrema relevância para a aprendizagem de inglês, com isso, o interesse dos alunos pelas aulas de inglês aumentou. Em outros termos, suas opiniões e atitudes mudaram bastante depois das aulas com ênfase no diálogo entre as culturas de língua inglesa e as culturas dos aprendizes. Isso fez com que, conhecendo a cultura do Outro, eles pudessem conhecer a sua própria cultura.

Nesse sentido, ao fim do semestre, os alunos expressaram seu desejo de que as aulas com as discussões acerca de aspectos culturais deveriam continuar. A professora Wanessa também considerou a utilização de materiais didáticos que reforçam a interculturalidade um instrumento significativo para que seus alunos construíssem uma competência intercultural centrada no diálogo e no respeito pelos diferentes modos de entender a realidade circundante. Além de ter a oportunidade de co-construir os saberes lingüísticos e culturais da língua-alvo em conjunto com seus alunos, Wanessa também pôde ampliar seus conhecimentos. Mesmo considerando o perfil das aulas que fazem uso de materiais didáticos voltados para a interculturalidade mais exigente em termos de preparação e conhecimento, ela reconheceu a importância da possibilidade de descobrir as percepções da criança sobre o mundo que a cerca e, sobretudo, o valor de suas vozes projetadas em meio aos diálogos interculturais.

No decorrer da pesquisa, foram aplicados dois questionários para os alunos sobre a importância de estudar inglês e os países onde esta LE é falada, bem como sobre suas culturas. Em seguida, apresentamos alguns

recortes dos dados coletados por meio desse instrumento. As letras ao lado das citações representam as iniciais dos nomes dos alunos participantes.

3.1 Resultados do primeiro questionário:

1. O que você acha de estudar uma língua estrangeira e as culturas dos países relacionados a essa língua?

“Eu acho bom conhecer outros países” (EM)

“Eu acho muito legal falar língua estrangeira” (BE)

“Eu acho interessante conhecer novas coisas” (DO)

“Eu acho muito interessante as culturas e o modo de falar e estudar” (MA)

2. Que tipo de atividade você não gosta nas aulas de Inglês?

“Cantar em inglês” (BE)

“Ficar parada sem fazer nada” (TA)

“Eu não gosto quando é prova” (AN)

“O verbo to be” (HA)

3. Que tipo de atividade você mais gosta nas aulas de Inglês?

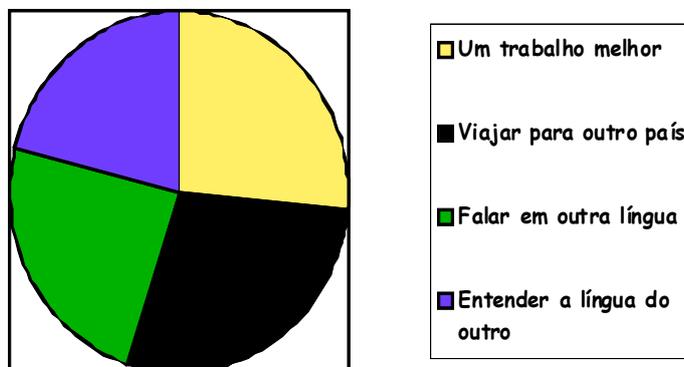
“Alfabeto, cores, animais, etc.” (IS)

“Quando a professora leva coisas para a escola para nós vermos e para descobrir o nome delas” (ER)

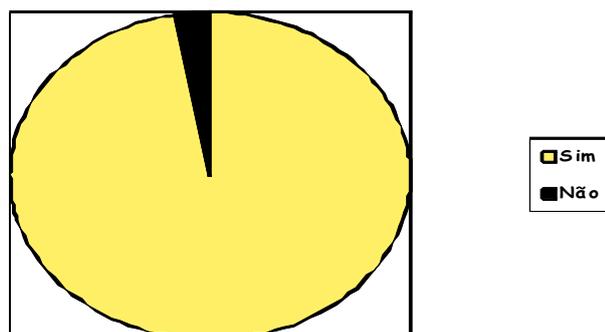
“De entender inglês” (JP)

“Brincadeiras e coisas novas” (DO)

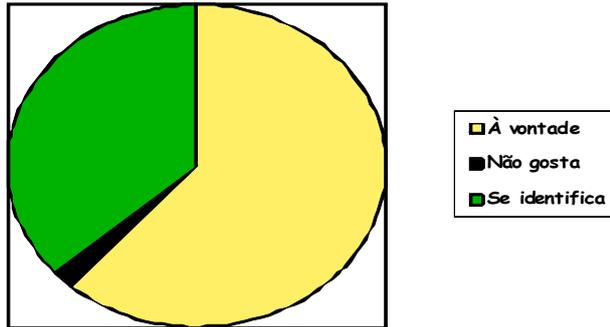
4. O que você espera com a aprendizagem de Inglês?



5. Você considera interessante as atividades que mostram as culturas que envolvem o Inglês?

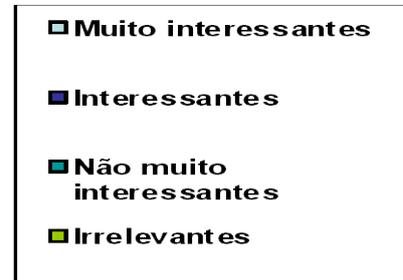
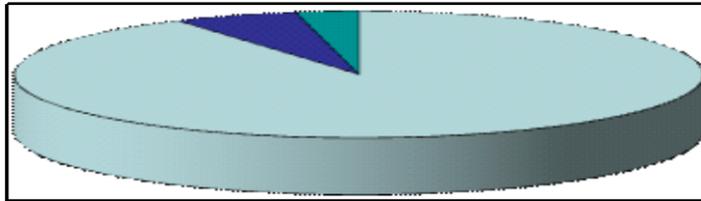


6. Como você se sente diante dessas culturas?

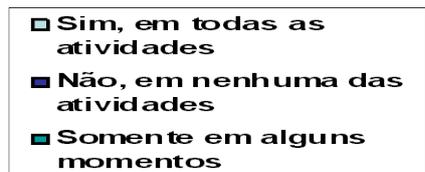
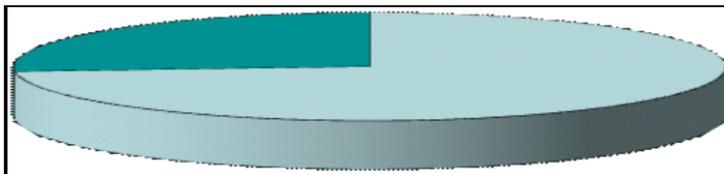


3.2 Resultados do segundo questionário

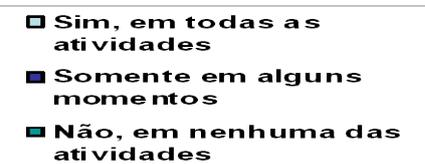
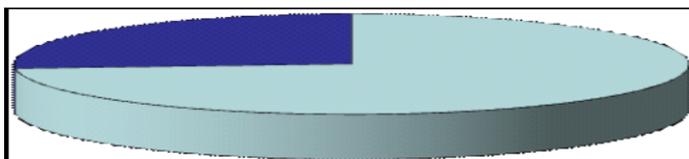
1- O que você achou das atividades de inglês desenvolvidas nas últimas aulas com o auxílio de diferentes materiais pedagógicos (figuras, transparências, frutas, animais do cerrado em pelúcia, textos impressos, desenho animado no DVD e outros)?



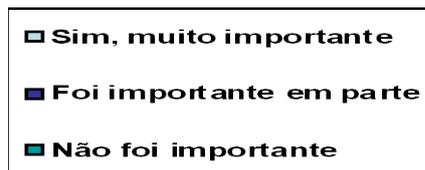
2- Por meio dessas atividades, você conseguiu perceber a discussão sobre diferentes culturas (culturas dos povos de língua inglesa, culturas do povo brasileiro, culturas do Estado de Goiás, culturas dos membros de sua sala de aula – professora e alunos)?



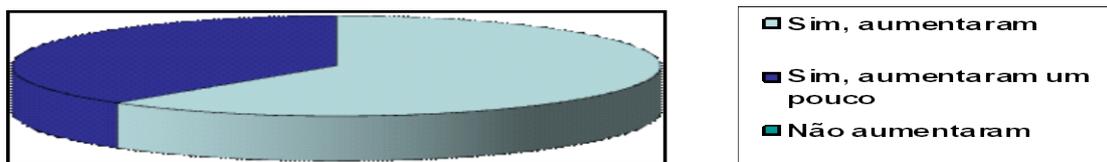
3- Você conseguiu perceber diferenças e semelhanças entre essas culturas ao longo das discussões envolvendo essas atividades?



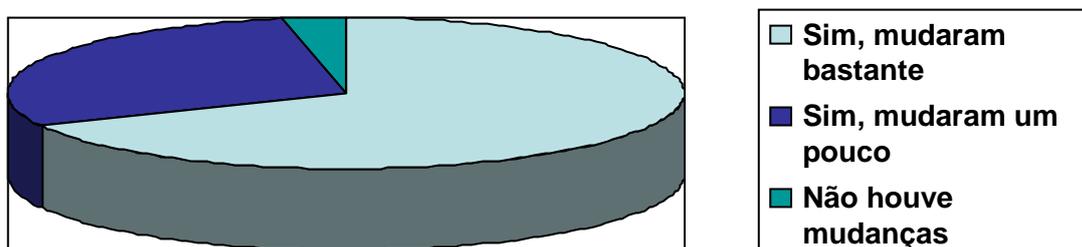
4- Foi importante para a sua aprendizagem do inglês a sua participação nessas atividades que apresentavam o encontro entre várias culturas?



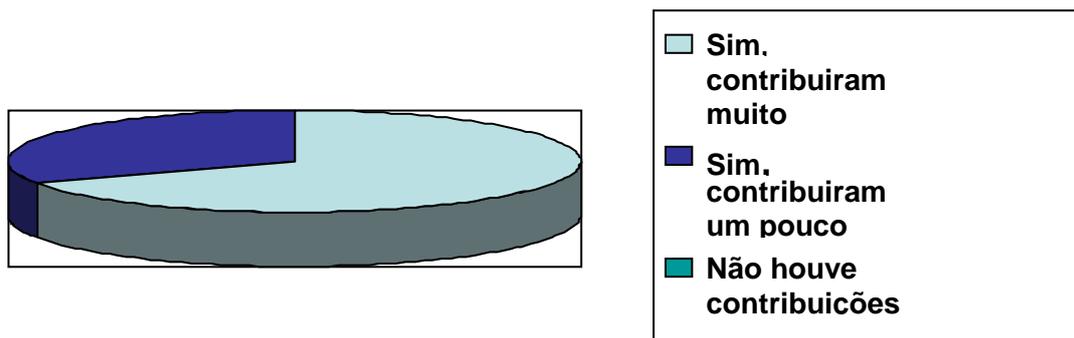
5- As atividades envolvendo discussões culturais aumentaram seu interesse pelas aulas de inglês?



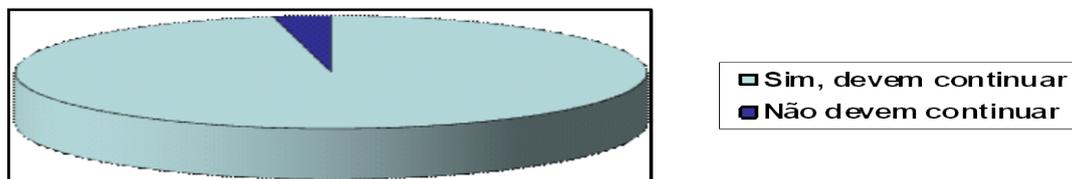
6- As suas opiniões e atitudes em relação às culturas relacionadas à língua inglesa mudaram depois de participar dessas atividades?



7- Você acredita que essas atividades contribuíram para que você conhecesse melhor a sua própria língua e cultura?



8- Em sua opinião, você acha que as aulas de inglês devem continuar incentivando o diálogo entre as culturas dos países de língua inglesa e as culturas do Brasil?



- Amostra de notas de campo realizadas ao longo do período de coleta dos dados (fevereiro a junho de 2008)

3.3 Notas de campo – dia 09 de maio de 2008 / Questões de interculturalidade

Após a introdução na última aula do vocabulário referente aos animais mais conhecidos do cerrado, bem como alguns exemplos de animais provenientes da África do Sul, Índia, Austrália e Estados Unidos, a Profa. Wanessa revisou este

conteúdo com os alunos na aula de hoje. Muitos alunos se lembraram dos nomes e anotaram em seus cadernos o vocabulário que a professora escreveu no quadro. Em seguida, Wanessa praticou com a turma perguntas e respostas que contextualizavam o uso desse vocabulário. Por exemplo: P: 'Which animal is it?', AAA: 'It's a koala', P: 'Where is it from?', AAA: 'It's from Australia'. A professora também fez exercícios de prática oral com alguns alunos em particular, mostrando-lhes diferentes figuras para eles responderem às perguntas sobre o nome e a origem dos animais. Por fim, ela perguntou qual era o animal considerado o 'rei da selva', e todos falaram 'lion!'. Nesse sentido, ela cantou com os alunos a canção 'The Lion sleeps tonight', a qual destaca a figura do leão africano. Wanessa enfatiza muito a interdisciplinaridade e sempre associa o tema da aula de inglês com outras áreas do conhecimento. Houve, então, uma ênfase no estilo de música e dança que os alunos ouviram e, de forma geral, eles perceberam de que se tratava de uma música típica africana, com sons de tambores africanos, exemplos de uma língua africana em meio à letra sendo cantada em inglês.

Com todo esse trabalho desenvolvido por Wanessa em conjunto com a participação da maioria de seus alunos, ela, então, escreveu no quadro duas frases:

1. The Indians don't eat cows, but the Brazilians do.

2. The Chinese eat dogs, but the Brazilians don't.

A intenção da professora era não somente trabalhar com a estrutura do presente simples, mas, também, iniciar uma discussão em que os alunos refletissem sobre as questões culturais envolvidas nestas duas frases. Os alunos traduziram as frases para mostrar à professora que tinham compreendido o que elas queriam dizer. Wanessa contou, então, aos alunos que as vacas são animais sagrados na Índia e, por isso, elas não são fontes de alimento, o que não ocorre aqui no Brasil. Alguns alunos ficaram surpresos com essa afirmação de que a vaca é um animal sagrado. Quando Wanessa comentou a segunda frase, grande parte dos alunos ficaram chocados ao saber que os chineses têm o cachorro como fonte de alimento. Algumas alunas disseram: 'Tadinho deles, tia!'

Diante dos comentários, Wanessa então perguntou: 'Quem vocês acham que está certo?', 'Nós estamos certos e os indianos estão errados, ou os indianos estão certos e nós estamos errados?'

Os alunos ficaram por um certo tempo calados e, em seguida, cerca de dez alunos disseram: 'Nós é que estamos certos, nós, nós, nós!!'

Três alunos levantaram suas mãos e disseram: 'Não, os indianos estão certos!'

Outros dois alunos então expressaram suas opiniões. JP disse: 'Cada um tem seu jeito!', MM: 'É a cultura, tia, é a cultura de cada um!'

Os demais alunos ficaram de certa forma intrigados e uma grande confusão surgiu, cada um falando uma coisa. A profa. fez com que se acalmassem e pediu para que levantassem as mãos aqueles que achavam que os brasileiros estavam certos. Cerca de cinco alunos levantaram suas mãos. Então, Wanessa pediu que levantassem as mãos aqueles que consideravam os indianos como sendo os corretos em suas ações. Três alunos levantaram suas mãos. Por fim, Wanessa pediu para levantarem suas mãos aqueles que concordavam com a opinião de JP e MM, em que cada um tem o seu jeito de se comportar, não sendo melhor nem pior que o outro. Quase todos levantaram suas mãos, então JP disse: 'Tá vendo, tia, cada um tem o seu jeito!'

A professora Wanessa finalizou a discussão ressaltando a importância de nós respeitarmos o outro, mesmo quando ele tem comportamentos muito diferentes e estranhos se comparados aos nossos e reafirmou que, sim, cada um tem o seu jeito de viver e de entender o mundo.

3.4 Entrevista realizada com a professora Wanessa, participante da pesquisa

Perguntas:

1. Em sua opinião, as suas aulas melhoraram com as atividades propostas pela pesquisa? Por quê?

"Melhoraram bastante. Porque além do apoio técnico que era passado, todo o material que, no caso, as pesquisadoras elaboraram. A riqueza tanto de quantidade quanto de material pesquisado e eu também aprendi muito com o material pesquisado. Algumas coisas reforçaram, ampliaram meu conhecimento ou algumas coisas eu realmente não sabia e fiquei sabendo. E como uma eterna pesquisadora, como professora pra mim é muito importante."

2. As questões envolvendo interculturalidade ajudaram ou atrapalharam sua prática ao longo das aulas? Por quê?

"Na realidade, não que atrapalharam. Eu senti que é uma aula mais cansativa devido ao número de alunos e a faixa etária. Eu tinha que parar várias vezes pra chamar atenção, pra organizar a sala. Então nesse aspecto é mais cansativo para o profissional, é fisicamente desgastante e ao mesmo tempo é muito gostoso ver a produção da criança, a forma como ela pensa, a maneira que ela vê o mundo, isso é muito interessante. Então tem o lado positivo e o lado negativo."

3. Você percebeu alguma diferença no interesse e no desempenho dos seus alunos com essas propostas? Quais?

“Sim, eu senti que realmente houve um maior interesse e empenho deles na realização das tarefas, lógico que tem suas exceções. Mas desempenho sim, eu achei que o desempenho aumentou bastante e alguns que inclusive não faziam tarefas ditas “normais”, fizeram.”

4. Você achou fácil ou difícil trabalhar interculturalidade nas aulas de inglês com os seus alunos? Por quê?

“Até volto a retomar um ponto que já tinha trabalhado na pergunta número um. Para mim, como profissional, é fisicamente mais cansativo trabalhar interculturalidade. Porque abre muito espaço para discussões e fica difícil retomar a disciplina e a organização da sala depois. Mas ao mesmo tempo, é extremamente produtivo, porque você vê como a criança pensa o mundo e a opinião dela. Algumas crianças que inclusive devido à quantidade de alunos, você não dá a devida atenção, entre aspas, de se colocarem. Você vê que é uma criança que tem raciocínio lógico, que tem uma interculturalidade e informações maiores. Então foi muito bom para eu ver meus alunos com outros olhos.”

5. As atividades se mostraram interessantes para serem utilizadas com outras turmas? Por quê?

“Sim, é um ponto extremamente positivo. As atividades que foram elaboradas junto com a organizadora e a estagiária foram interessantes porque realmente abrange outras faixas etárias, o vocabulário é muito passivo de ser modificado para se trabalhar com turmas mais avançadas ou turmas mais básicas. Elas são muito interessantes e adaptáveis a várias faixas etárias.”

6. Você pretende continuar estimulando discussões interculturais ao longo de suas aulas? Você as considera importantes para a formação sociocultural e identitária de seus alunos? Comente.

“Em primeiro ponto, eu acredito na interculturalidade. Eu acho que aula de língua inglesa é um espaço aberto à discussões. Uma das grandes funções da língua inglesa é ampliar a visão de mundo da criança, do adolescente e do adulto. É algo que acho muito gostoso, eu pessoalmente gosto disso no inglês. Quero sim continuar estimulando e até me sinto um pouco responsável agora, é uma carga maior porque agora tenho que correr atrás, pesquisar, sempre fazer aulas muito interessantes e eu não quero abaixar o nível das minhas aulas. Sobre a formação sociocultural e identitária, sim, nós vimos que com o advento da globalização, as crianças tem muito contato com os parentes que vão para outros países. Essa questão do mundo e da identidade, a gente vê que é muito importante hoje em dia, não é uma coisa que se encontra em livros, uma coisa distante. Então a questão identitária se torna muito forte. Uma coisa que achei interessante da pesquisa que foi colocada é você reforçar e mostrar ao aluno que ele é um indivíduo, um cidadão que está no Brasil com seus prós, contras, não existe o certo e o errado; existe a pessoa, o cidadão e ela tem que ser aceita, trabalhada e respeitada no mundo todo.”

Foi possível observar durante a entrevista com a professora, que a produção e a aplicação de materiais didáticos com foco na interculturalidade podem ser mais difíceis de serem trabalhados em sala de aula pelo fato de exigirem um tempo maior para a sua elaboração e uma qualificação teórica-prática por parte do professor envolvido nesse trabalho. No entanto, trata-se de uma abordagem de ensino de LE que contribui profundamente com a formação sociocultural do aprendiz em meio à expansão do inglês como língua internacional de um mundo globalizado. Sabemos que a sociedade na qual estamos vivendo requer de nós, professores e alunos, não somente o aprimoramento de nossas competências lingüística e comunicativa, como, também, o desenvolvimento de uma competência intercultural fundamentada na interação e no diálogo. Tendo em vista que uma parte considerável das identidades de cada um dos participantes foi, de certa forma, revelada ao longo dos diálogos interculturais, podemos afirmar que as aulas de inglês como LE no Ciclo 2 se tornaram muito mais enriquecidas pela utilização desses materiais produzidos durante a pesquisa.

Conclusão

Como pudemos perceber, os dados dispensam comentários extras visto que falam por si mesmos. Acreditamos, portanto, que é possível trabalhar com a interculturalidade em sala de aula de LE, mesmo quando se trata de uma turma com quarenta alunos. Por meio da investigação aqui descrita, percebemos que o trabalho realizado se mostrou consistente pelo simples fato de ter conseguido despertar o conhecimento prévio dos aprendizes acerca de sua língua-cultura e, sobretudo, ampliar seus campos de visão sobre a língua-cultura alvo. A ênfase na interculturalidade não dispensou, contudo, a preocupação com o desenvolvimento da competência lingüística dos alunos e, dessa forma, todos os temas estavam relacionados

a uma determinada construção gramatical do inglês, procurando, assim, acompanhar os objetivos do conteúdo programático.

Para os alunos, não houve grandes dificuldades em compreender e participar das discussões por meio dos materiais didáticos com foco na interculturalidade. Na maioria dos temas abordados, os alunos se sentiram familiarizados com as questões discutidas e não houve um estranhamento exacerbado diante do comportamento do Outro, como previmos que haveria ao longo de nossa investigação.

Os cinco roteiros elaborados e aplicados durante o semestre de atuação direta na escola (2008/1) sofreram algumas alterações devido ao tempo de implementação em sala de aula. Todavia, todas as etapas foram efetuadas com significativo sucesso. Essas mesmas atividades poderão ser utilizadas em outras turmas de diferentes níveis de conhecimento, pois elas podem abranger muitas outras discussões partindo do mais simples aspecto cultural até o mais complexo.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

FIGUEREDO, C. J. *O uso de estratégias de comunicação em sala de aula de língua inglesa: a interação em foco*. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

_____. *Construindo pontes: a produção oral dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua-cultura estrangeira*. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (Org.). *A aprendizagem colaborativa de línguas*. Goiânia: Editora UFG, 2006. p. 11-45.

FREITAS, M. T. de A. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005. p. 295-314.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LEFFA, J. V. *Produção de Materiais de Ensino: teoria e prática*. Pelotas: Educat, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. Language and the analysis of social laws. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society: a book of readings*. Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc., 1974. p. 132-140.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

SAPIR, E. The unconscious patterning of behavior in society. In: BLOUNT, B. G. (Ed.). *Language, culture and society: a book of readings*. Massachusetts: Winthrop Publishers, Inc., 1974. p. 32-45.

SHAUL, D. L.; FURBEE, N. L. *Language and culture*. Illinois: Waveland Press, Inc., 1998.